



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Agricultores, cultivo de eucalipto e estratégias agroindustriais: Resistir e adaptar-se ao sistema de integração produtiva

Silvia Lima de Aquino

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

E-mail: silvia.aquino@ufrgs.br

Alex Alexandre Mengel

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

E-mail: alex.mengel@ufrgs.br

RESUMO

A integração produtiva é um sistema baseado em um contrato de parceria entre agricultores e uma agroindústria processadora. Por meio dessa relação contratual agricultores se comprometem em produzir determinada matéria-prima para a agroindústria. No Brasil o sistema de integração produtiva é utilizado por grandes agroindústrias processadoras, sobretudo, a partir dos anos 1960 e é aplicado em diversos ramos, como na produção de suínos e aves, tabaco, flores e frutas. A partir do final de 1980 e, principalmente, nos anos 1990, indústrias dependentes de madeira de espécies exóticas, como o eucalipto, passaram a utilizar este sistema. Este trabalho objetiva analisar transformações causadas no campo pelo programa de produção integrada de eucalipto, denominado *Programa Produtor Florestal*, criado nos anos 1990 pela Aracruz Celulose S/A e hoje mantido pela Fibria Celulose S/A, maior produtora mundial de celulose branqueada de fibra curta. Através da participação neste programa, agricultores de base familiar no estado do Espírito Santo tem ingressado na cadeia produtiva da silvicultura, passando a produzir eucaliptos destinados à indústria fabricante de celulose. Neste trabalho objetiva-se examinar as interpretações de agricultores, integrados ou não, sobre o programa de fomento florestal e o cultivo de eucalipto, destacando temas como as transformações causadas pela produção na região onde estão inseridos, os conflitos decorridos da atividade, os motivos para ingressarem ou não nesse sistema e as estratégias de resistência e de adaptação ao mesmo. No trabalho utiliza-se da perspectiva teórica de James Scott, autor que coloca a necessidade de considerar-se as formas de agir e o sentido que os agricultores atribuem às suas ações em contextos de dominação, para assim evidenciar suas formas cotidianas de resistência. As informações que subsidiam este trabalho foram colhidas através de revisão bibliográfica; levantamento e análise de documentos da empresa sobre o programa e, sobretudo, através da realização de pesquisa de campo no município de Domingos Martins, no Espírito Santo. A escolha deste município como *locus* de pesquisa empírica deve-se ao fato do mesmo concentrar o segundo maior número de contratos desse tipo no estado. A análise aqui apresentada fundamentou-se em vinte entrevistas semiestruturadas a integrados e não integrados à indústria fabricante de celulose. Entre os resultados, constatou-se que o cultivo de café atrelado a realização de outras atividades agropecuárias é estratégia utilizada pelos agricultores para resistirem ao programa. Os agricultores não integrados explicam que não se integram dada a centralidade que o café tem para sua subsistência. Por outro lado, a atividade cafeeira também é motivo para que os agricultores ingressem na integração, isto porque, a maioria dos agricultores integrados interpretam a opção



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

pelo programa como a última saída para resistirem no campo enquanto agricultores, em um momento de crise da cafeicultura.

Palavras-chave: Integração produtiva; eucalipto; agricultores

1. Introdução

Produção integrada, integração produtiva ou integração agroindustrial são termos utilizados para nomear um sistema baseado em um contrato entre agricultores e uma agroindústria processadora. Por meio dessa relação contratual os agricultores se comprometem em produzir determinada matéria-prima que será adquirida e beneficiada pela agroindústria. No Brasil a partir do final da década de 1980 e, principalmente, nos anos 1990, indústrias dependentes de madeira proveniente de espécies exóticas como o eucalipto, a exemplo das siderúrgicas e fabricantes de papel e celulose, passaram a utilizar este sistema, que neste caso específico é também conhecido como fomento florestal e os agricultores integrados como fomentados.

Neste trabalho originado de uma tese de doutorado já concluía, objetiva-se examinar as interpretações de agricultores integrados ou não, sobre o programa de fomento florestal e o cultivo de eucalipto implementado pela Aracruz Celulose S/A no Espírito Santo, estado da região sudeste do Brasil, a partir dos anos 1990 e, atualmente, mantido pela Fibria Celulose S/A. Esta empresa é resultante da incorporação das ações da Aracruz pela Votorantim C.P em 2009.

O trabalho procura destacar temas como as transformações causadas pela produção na região onde estão inseridos, conflitos decorridos da atividade, os motivos para ingressarem ou não nesse sistema e as estratégias de resistência e de adaptação ao mesmo. Como suporte teórico utiliza-se da perspectiva de autores como James Scott, Menezes e Malagodi (2009) e Ramalho e Esterici (1996).

2. Resistências e adaptações

A análise das práticas, processos e formas de organização que são adotadas por agricultores de base familiar para construir alternativas viáveis e sustentáveis de subsistência



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

tem colocado desafios não apenas do ponto de vista empírico, mas também metodológico e teórico (SCHNEIDER *et al.* 2008, *apud* MENEZES e MALAGODI, 2009). Esses desafios derivam da própria maneira como estes problemas foram colocados nos debates do passado. Estes debates, comumente, se centravam nas forças estruturais e macroeconômicas ou em processos tecnológicos considerados universais, a exemplo da modernização da agricultura, dando pouca ênfase ao papel do sujeito nesse processo. Esta opção teórica teve como consequência epistemológica a redução da autonomia do camponês à força de grupos dominantes, instituições políticas, empresas e grupos econômicos poderosos. O resultado foi a interpretação do camponês como uma vítima passiva em uma situação de dominação econômica, política e cultural, um sujeito frágil, incapaz de agir e decidir sobre sua própria vida (MENEZES e MALAGODI, 2009).

Conforme Menezes e Malagodi (2009), essa visão teórico-metodológica do camponês influenciou uma série de estudos sobre camponeses que tiveram como foco temas como dificuldade de acesso aos meios de produção ou as relações de exploração por intermediários, indústrias, grandes proprietários e o Estado. Em paralelo observa-se uma ausência de estudos que considerem as formas próprias de agir dos camponeses ante os processos de dominação e exploração em que estão envolvidos. Para suprir essa lacuna, os autores colocam a necessidade de uma perspectiva metodológica que se ocupe em interrogar se os camponeses seriam realmente, totalmente submissos ou ao contrário, se na relação de dominação na qual estão envolvidos há brechas que permitam o seu questionamento e criação de espaços de autonomia. Na perspectiva dos autores essa interrogação ajudaria a explicar, por exemplo, como essa categoria social considerada subordinada e fadada ao desaparecimento se manteve e persista até o século XXI.

Corroborando com as observações de Menezes e Malagodi (2009), Ramalho e Esterci (1996) assinalam que tem merecido atenção às interpretações que se contrapõem a certas noções pré-construídas, de que em uma relação entre sujeitos portadores de forças desproporcionais, como patrões e trabalhadores, o polo subordinado é passivo, e que seus interesses e os dos dominantes são incompatíveis, seja qual for a circunstância. Estas



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

interpretações têm apontado que o polo considerado subordinado deve ser pensando como parte ativa de uma relação e como parte que interessa ao subordinador.

Já Scott (2002): 1) partindo do entendimento de que rebeliões camponesas, apesar de importantes são escassas, além de dizer muito pouco sobre a luta, a resistência e conflitos presentes no cotidiano desses indivíduos; 2) tendo em vista a constatação de que a maioria dos eventos que chamam a atenção são aqueles que o Estado e as classes dominantes concordam em destacar em seus arquivos; 3) entendendo que dar atenção somente a atos abertos e radicais de resistência significa aceitar que a estrutura de dominação defina para nós o que é o que não é resistência, propõe uma análise do que chama de “formas cotidianas de resistência camponesa”.

Estas formas são definidas pelo autor como:

(...) A luta prosaica, mas constante, entre os camponeses e aqueles que querem extrair deles o trabalho, o alimento, os impostos, os aluguéis e os lucros. A maioria das formas que essa luta toma cessa ao ser coletivamente desafiada. Aqui tenho em mente as armas comuns dos grupos relativamente sem poder: fazer “corpo mole”, a dissimulação, a submissão falsa, os saques, os incêndios premeditados, a ignorância fingida, a fofoca, a sabotagem e outras armas dessa natureza. Essas formas brechtianas de luta de classe têm certas características em comum: requerem pouca ou nenhuma coordenação ou planejamento; sempre representam uma forma de auto-ajuda individual; evitam, geralmente, qualquer confrontação simbólica com a autoridade ou com as normas de uma elite. Entender essas formas comuns de luta é entender o que muitos dos camponeses fazem nos períodos entre as revoltas para melhor defender seus interesses.

Na perspectiva do autor, na medida em que camponeses encontram-se dispersos ao longo da zona rural e, com isso se deparam com limitações para a ação coletiva organizada e institucionalizada, as formas cotidianas de resistência parecem particularmente importantes, uma vez que exigem pouca ou nenhuma coordenação. Segundo Scott (2002):

(...) Essas formas de resistência são estratégias cotidianas permanentes das classes rurais subordinadas que vivem em difíceis condições. Em tempos de crise ou momentos de mudança política, podem ser complementadas por outras formas de luta que são mais oportunas. Entretanto, elas não desaparecerão enquanto a estrutura rural social se mantiver exploradora e desigual. Assim, essas estratégias são o alicerce obstinado sob o qual outras formas de resistência devem crescer e tendem a persistir após outras formas de resistir terem falhado, ou após produzir-se, por sua vez, um novo padrão de desigualdade (SCOTT, 2002, p. 24).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Cabe ressaltar que, na perspectiva de Scott (2002), nem sempre a resistência tem o objetivo de eliminar as relações de dominação ou de desestruturar o sistema, mas, intentam, sobretudo, sobreviver dentro dele. Dessa maneira, Scott (2011) reconhece que os indivíduos com o menor poder – econômico ou político, por exemplo – se orientam racionalmente de modo a utilizar sua capacidade criativa para reorganizar relações e garantir a própria sobrevivência. A dureza do cotidiano coloca frequentemente um obstáculo ao conflito público. Diante disso, muitos camponeses não veem outra saída a não ser se adaptar a situação que lhes é imposta, desenvolvendo formas de resistência cotidiana cujo objetivo é o de – nas palavras de Eric Hobsbawm – “trabalhar o sistema no sentido das desvantagens mínimas” (HOBBSAWM, 1973, p. 12, *apud* SCOTT, 2002, p. 30). Assim, para Scott (2002, p. 30), “a grande expressão da resistência camponesa não é derrubar ou transformar o sistema de dominação, mas, sobretudo, sobreviver - hoje, esta semana, esta estação – dentro dele”.

3. Metodologia

Os dados utilizados para fundamentar este artigo foram colhidos por meio de um estudo de caso sobre o Programa Produtor Florestal, atualmente conhecido como Poupança Florestal, desenvolvido pela Aracruz Celulose S/A, no Espírito Santo, um dos estados da região sudeste do Brasil. Seleccionamos o município de Domingos Martins como área para o trabalho de campo. Este município se localiza na região serrana do Espírito Santo e corresponde a área de gestão administrativa Sudoeste Serrana do Estado.

A escolha de Domingos Martins como *locus* do trabalho empírico foi motivada 1) pelo fato deste município, n momento da pesquisa, possuir o segundo maior número de contratos de fomento florestal da Fibria Celulose S/A, ficando neste quesito, apenas atrás do município de Aracruz, onde se localiza uma das plantas industriais da empresa, e onde situava-se a sede da antiga Aracruz Celulose S/A; 2) em virtude do município consistir em um dos maiores produtores de alimentos do estado; 3) Em razão do município ter, de acordo com dados do IJSN (2009), mais de 70% da população ocupada, exercendo atividades no campo.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

O trabalho de campo, cujas informações subsidiaram este trabalho, foi realizado entre os meses de agosto a outubro de 2011 e de maio a junho de 2012, e contou com observação participante, cujas observações foram anotadas em um caderno de campo e com a aplicação de entrevistas semiestruturadas. Tais entrevistas foram realizadas com os seguintes segmentos: agricultores integrados (10 entrevistas); agricultores não integrados (10 entrevistas); representantes de movimentos sociais e Igreja (04 entrevistas). Além das informações colhidas no trabalho de campo o artigo é subsidiado por informações coletadas por meio de pesquisa bibliográfica, pesquisa em material secundário como folders de divulgação, cartilhas, relatórios de sustentabilidades, artigos de jornais relacionados a empresa integradora.

4. Resistir adaptar-se ao fomento florestal

De acordo com o relatório da FAO (2004), a integração no setor de papel e celulose, começou a ser adotada pelas empresas dependentes de madeira a partir da década de 1980. Este momento coincide com o processo de encerramento da política de incentivos fiscais do governo brasileiro para a silvicultura, que ocorreu oficialmente em 1988, em virtude, dentre outros fatores, da grave recessão econômica que assolou o país nos anos 1980 (GONÇALVES, 2006; FAO, 2004). Entretanto, foi apenas a partir da década de 1990 que o fomento florestal se firmou como uma opção atraente para as indústrias dependentes de madeira, como as fabricantes de celuloses e siderúrgicas (FAO, 2004; GONÇALVES, 2006).

No Espírito Santo o fomento florestal foi introduzido pela Aracruz Celulose S/A nos anos 1990. Este foi mantido pela Fibria Celulose S/A que passou a denominá-lo de Poupança Florestal. Em uma revista intitulada “Programa de Fomento Florestal da Aracruz Celulose”, publicada em agosto do ano de 2003 pela empresa, há uma explicação de como funciona o fomento florestal:

Por contrato, o Fomento Florestal garante a compra de toda a madeira produzida, se compromete a fornecer recursos operacionais (mudas, adubo, isca, calcário, formicida) e assistência técnica, além de recursos financeiros destinados a custear a implantação e manutenção dos plantios. Os recursos financeiros são convertidos em metros de madeira (equivalência ao produto), que serão ressarcidos pelo produtor por ocasião do corte e venda da madeira à empresa. Dessa forma, o débito do participante



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

com a empresa é em madeira, e não em dinheiro. O recurso adiantado pela Aracruz Celulose corresponde a, aproximadamente, 20% da produção total prevista. Os recursos operacionais e a assistência técnica são bonificados ao produtor quando cumprido o contrato (ARACRUZ CELULOSE S/A, ago, 2003, p. 3).

Ainda segundo informações da publicação, a empresa libera recursos financeiros caso seja solicitado pelo integrado para que sejam realizadas atividades como limpeza da área, capina pré-plantio, combate a formigas, construção de estrada, entre outros. O recurso fornecido pela empresa é dividido em parcelas que são liberadas mediante a execução dos serviços de implantação do plantio. O produtor integrado é responsável pelo plantio, manutenção, colheita e transporte da madeira até um dos depósitos do fomento. O preço pago pela madeira é definido pela tabela de compra da empresa, fundamentada no IGP-M. (ARACRUZ CELULOSE S/A, N. 1, ago. 2003).

De acordo com os entrevistados a expansão do cultivo de eucalipto em Domingos Martins começou nos anos 1990 com a “descoberta” daquela pela Aracruz Celulose S/A. A maioria dos agricultores da região serrana do Espírito Santo, na ocasião de introdução do fomento florestal, não estava disposta a ingressar no programa. Havia uma suspeição em relação ao mesmo, devido aos riscos envolvidos na substituição das culturas tradicionais por uma nova atividade. Havia também agricultores que viam no programa uma forma de driblar os problemas atravessados no campo, na medida em que acreditavam que com o mesmo teriam financiamento, mercado certo e lucro. Desta forma, se por um lado, houve uma resistência ao programa, por outro, um número considerável de agricultores da região ingressou no fomento florestal.

A agricultora M.S.¹, conta que soube da existência do programa por meio de vizinhos integrados e da visita do técnico da Aracruz Celulose S/A à sua propriedade. Nesta época, sua propriedade também era cultivada com café e havia uma área destinada a pastagens. Diante da disponibilidade dessas áreas e da falta de financiamento para o desenvolvimento de outras atividades, a agricultora explica que decidiu se integrar e passou a cultivar eucalipto em cinco dos seis hectares que possui:

¹ Para manter a privacidade dos entrevistados, optou-se neste trabalho por utilizar apenas as iniciais de seus nomes.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Já tem quase uns 20 anos. Nós e um outro vizinho fomos os primeiros a plantar. Soube por vizinhos que começaram a plantar e depois o agrônomo foi lá em casa para a gente plantar também. Nós tínhamos na época um pouco de café e uma área que era pasto, e aí a gente acabou plantando. A gente plantou mais por dificuldade, a gente não conseguia plantar outra coisa e também não conseguia financiamento pra plantar, então o que tinha nós pegamos. Estava numa propaganda que era bom negócio, então por isso que foi plantado (M.S, agricultora integrada).

A agricultora conta ainda que a decisão de se integrar foi influenciada pelo momento em que sua família vivia, marcado pela ausência de trabalho, uma vez que ainda não chegara o período de colheita do café: “foi plantado numa época que não era colheita de café, quando não tinha outro trabalho. Tava faltando muito serviço, era muita dificuldade, aí a gente pegou pra plantar”.

Ao avaliar o programa de fomento florestal, J.R. adverte que o agricultor não pode depender apenas de uma atividade, como o cultivo de eucalipto, a não ser que tenha uma quantia razoável de terra.

O preço não é aquela coisa que você diz que vai ficar rico, mas é uma coisa que ajuda, você não pode ter só eucalipto ou só café. A não ser que você faça 6 cortes, 6 plantios, todo ano planta um corte, aí tem madeira direto para cortar, aí depende muito da terra também. Quando você termina de cortar um, aquele outro lá já cresceu e você começa a cortar de novo (J.R, agricultor integrado).

Assim, para o agricultor integrado J.R., a vantagem de participar do programa de fomento florestal decorre, de não depender apenas dele. Este raciocínio é similar ao da agricultora integrada M.S, cujos relatos foram analisados anteriormente, pois os agricultores preferem a segurança derivada da combinação de várias atividades agropecuárias tradicionais, ao risco de depender de apenas um cultivo ainda desconhecido, como o eucalipto. Deste modo, a realização de outras atividades produtivas paralelas à produção integrada de eucalipto pode, neste caso, ser compreendida como uma estratégia de resistir dentro do próprio programa. Caso estes agricultores dependessem apenas da atividade silvícola integrada, estariam expostos às incertezas que uma atividade perene oferece, como por exemplo, a propagação de doenças fitossanitárias ou incêndios. Qualquer imprevisto deste tipo poderia comprometer, inclusive, a sua existência enquanto agricultor.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Na opinião de E.R. o cultivo de café é financeiramente mais vantajoso que a produção integrada de eucalipto. Nesse sentido, o agricultor avalia que sua renda diminuiu ao optar pelo fomento florestal. Todavia, em sua perspectiva, para que o café gere a renda esperada, a exigência de mão de obra é maior, fator escasso na região atualmente. Desta maneira, por um lado, considerando a diminuição do preço da saca de café e, por outro, o encarecimento da mão de obra, decorrente da diminuição na disponibilidade, E.R. optou pela produção integrada de eucalipto em parte da propriedade – diga-se de passagem, que o cultivo silvícola ocupou somente a área dos piores cafezais, aqueles que estavam tornando-se improdutivos e com brevidade deveriam ser substituídos, o que acarretaria em custos ainda maiores. Nesse sentido, para E.R., a eucaliptocultura integrada configura-se em uma estratégia de permanência no campo.

(...) O café gera mais lucro. Só que o café necessita de mais pessoas pra trabalhar e mais investimento. O produtor tem que estar bem situado, com a situação financeira boa, porque, se na época que eu tinha 60 mil pés, eu tivesse gente pra sempre tocar aquilo ali e conservar, seria melhor tocar o café do que colocar eucalipto, mas aí não tava achando gente, aí a gente plantou eucalipto e deu um pouco pra trás. Diminuiu a renda (E.R., agricultor integrado).

Assim como E.R, o agricultor integrado e técnico agrícola J.R decidiu utilizar uma área considerada degradada para introduzir a produção integrada de eucalipto. Conforme ele mesmo explica: “era uma área que já estava degradada mesmo, eu plantei por causa disso”. “Foi o recurso de uma área que não estava dando retorno nenhum, então foi uma opção de serviço, uma opção de renda”.

O agricultor integrado P.S decidiu ingressar no fomento florestal devido aos altos custos demandados pela lavoura de café: “Só as condições do café era pouco, era muito gasto com o café, agora que está melhorando. Mas naquela época veio esse florestal e isso deu uma ajuda para o povo da roça e aí fez com que a gente entrasse nisso pra ver se melhorava um pouco” (P.S., agricultor integrado).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

O agricultor E.H, afirma que nunca pensou em ingressar no fomento florestal, neste sentido declara que: “Para mim, o cara que trabalha dentro do eucalipto é um sofredor”. Isso porque, em sua perspectiva, o fomento florestal elimina a autonomia do agricultor em relação à organização das atividades produtivas na propriedade. Assim, ao avaliar a condição de vida daqueles que optaram por se integrar o agricultor reflete que:

Eles estão igual a um pássaro dentro de uma gaiola, sempre no aperto. Se eu chegar e dizer: *“Fulano de tal, eu tô precisando de uma madeira para o curral, você me vende aquela madeira ali? O dinheiro tá aqui no bolso”*, aí ele fala *“Não, eu não posso cortar”*. Quer dizer que ele não é dono daquilo ali. Ele é um cara dependente da Aracruz.

O agricultor E.R explicita em sua fala um dos impactos que acredita que foi causado pelo programa:

O rapaz [técnico da empresa] saiu andando pela região, e até aquele momento todos os produtores plantavam, colhiam e vendiam muito bem porque todo mundo colhia muito, até o fomento não sair à comercialização era boa, porque se você plantasse feijão você vendia, se você fizesse farinha você vendia. Hoje se você colocar a farinha no saco e vender, você não vende porque vem tudo lá de fora, industrializado e empacotado, eles querem aquela. O da gente aqui eles não querem. Isso aconteceu depois dessa plantação de eucalipto, todo mundo inventou de plantar eucalipto porque tinha aquela promessa de dar dinheiro pra plantar e tudo, aí as pessoas deixaram de plantar as produções de alimentação.

Por meio do relato acima percebe-se que um dos impactos sentidos pela implantação da integração produtiva notado pelos agricultores da região foi a diminuição da produção de alimentos.

Outro efeito causado pelo fomento florestal na área estudada foi diminuição da mão de obra disponível para o trabalho no café e demais atividades ali desenvolvidas, bem como a elevação do preço pago pela mesma, devido a sua escassez. Neste sentido, de acordo com um dos representantes do MPA, aqueles agricultores que além de desenvolverem atividades agrícolas em suas propriedades trabalhavam em outras propriedades de modo a complementar sua renda, ou aqueles que não possuíam terra e por isso precisavam vender a sua força de trabalho para agricultores locais mais capitalizados, passaram a trabalhar no plantio e na colheita do eucalipto ao invés de trabalharem, por exemplo, nas colheitas de café, atividade que mais empregava na área rural da região até então:



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Aqui na região, vamos pegar mais como exemplo Domingos Martins, tá tendo uma escassez de mão de obra pelo seguinte: O eucalipto, nos últimos anos, dentro do fomento, ele gera aquela mão de obra imediata, que é o período do plantio, os primeiros tratamentos culturais. Depois fica um tempo que ele não vai gerar trabalho. Ele fica por si, vai sair e se desenvolver, então esse período ali já não gera mão de obra mais. Como no período de intensa necessidade de trabalho, aqueles do fomento pagam um preço a mais no valor da mão de obra. Aí o que acontece é que os trabalhadores se baseiam nesse preço pra quando tiver que trabalhar no café ou em qualquer outra atividade. E os outros agricultores que trabalham com café não têm condições de pagar esse preço que é calculado porque ele trabalhou um dia lá a R\$ 50 reais no eucalipto e o produtor que trabalha no café, às vezes não tem como pagar R\$ 50 reais para capinar o *panhar* o café. Então teve esse problema

A colheita do eucalipto é uma atividade considerada perigosa. Em Domingos Martins os riscos desta atividade se agravam devido ao relevo local, bastante inclinado, o que dificulta o procedimento. Soma-se a isso o despreparado dos agricultores para o trabalho nesta atividade. Assim, nas colheitas de eucalipto realizadas na região é muito comum ocorrerem acidentes de trabalho:

O E.S uma vez, não teve acidente de fratura exposta assim, mas ele com a machadinha cortou a mão, teve que dar ponto e ele ficou uma semana parado. De vez em quando você toma uma cacetada e fica puxando a perna por umas duas semanas, mas tem caso de gente que perdeu os movimentos da mão, cortou a mão, cortou a perna, isso de vez em quando acontece lá. Outros que trabalhavam na mesma firma que a gente trabalhava quebrou o braço, quebrou a perna também porque tinha um monte de madeira e dizem que caiu em cima dele e ficou muitos meses parado por causa disso aí (F.L).

Como apresentado anteriormente, durante o contrato de integração os agricultores podem solicitar adiantamentos em dinheiro à indústria fabricante de celulose. Este adiantamento é cobrado pela indústria somente ao final do contrato, sendo pago em madeira. Assim, aqueles agricultores que não conseguem produzir o esperado pela indústria acabam por contrair uma dívida. Esta situação é capaz de produzir conflitos entre agricultores e indústria. Este foi o caso do agricultor C.B, que felizmente conseguiu negociar sua dívida:

(...) O eucalipto deu prejuízo. O eucalipto que foi especulado em 1.400 metros só chegou a 700 metros. Depois quando eu vi que o prejuízo ia ser grande, eu tive que ir lá [na empresa] e discutir. Eu fui lá negociar com esse tal de X. [técnico da empresa], ele não me atendeu bem, mas aí eu dei uma prensa nele, isso foi em 2008. A gente tava plantando eucalipto, o eucalipto dando prejuízo. Eu tirei 100 metros de eucalipto e sobrou R\$ 100 pra mim. E a gente tirando o eucalipto e vendo que não ia dar, se não desse a gente tinha que pagar multa. Eu falei com meu irmão que ia dar prejuízo pra nós, aí eu fui atrás do X [técnico da empresa], mas eles não gostaram não. Eu fui



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

negociar com o X [técnico da empresa] e ele estava na frente do computador, aí eu disse: “(...) *quero falar com você porque meu eucalipto lá tá péssimo, não vai dar o que você tá querendo, de jeito nenhum. Vamos ver o que nós faz aqui.*”, daí ele mexeu lá e disse: “*O que está nesse computador aqui ninguém tira*”. Eu disse: “(...) *Mas então tá bom, se não tira, eu vou pra rua fazer um jornalzinho e colocar isso aqui no jornal*”. Ele levantou, eu fui saindo e ele veio atrás de mim falando: “*Peraí que nós vamos conversar*”, (...) Ele sentou lá e me chamou de volta. Eu voltei, conversemos lá, ele perguntou: “*O que você quer?*” Eu respondi: “*Eles mediram o eucalipto em 1.400 metros e não vai chegar nem a 700 metros, o eucalipto não tá dando nada, o eucalipto não vai dar nem 700 metros, isso se chegar a 700 metros.*” Nós estávamos devendo 110 metros a Aracruz ainda. Daí ele perguntou o que eu queria. Eu tava querendo esse caminhão aqui em cima, que era a minha parte, e meus irmão tinham dois caminhões pra trás. Eles viram que estava imprensando muito lá embaixo. Eles ficaram com medo. Eu disse pro X [técnico da empresa]: “*eu tava pensando em negociar esse caminhão com vocês e mais dois caminhão e morre aqui.*” Aí ele liga pra cá, liga pra lá, e eu lá esperando. (...) Ele ligou pra lá e disse: “*Então tá bom, nós fecha o negócio aí então*”.

Muitos agricultores da região de Domingos Martins, integrados ou não a indústria fabricante de celulose, inferem que a expansão dos plantios de eucalipto tem sido responsável por provocar alterações na dinâmica do ambiente local. Assim, para um dos agricultores entrevistados o plantio de eucalipto em larga escala interfere na disponibilidade de águas dos solos, nascentes e córregos da região:

Ele [o eucalipto] é um espalhador de chuva e um chupador de água. Eu acho que ele prejudica muito o meio ambiente. Ele tira a chuva, e a chuva que cai dentro dele não vai para o córrego, hoje você entra lá no meio do eucalipto e vê que tá sequíssimo, e se você entrar numa mata daqui você vê como tá molhado (C.B.).

5. Considerações Finais

O trabalho procurou analisar como os agricultores de Domingos Martins integrados ou não, interpretam o programa de fomento florestal e alguns de seus principais impactos na região estudada. Com a análise destas interpretações, o trabalho assumiu a perspectiva metodológica que toma os agricultores como atores reflexivos e que, portanto, atribuem racionalidade e sentido as suas ações, ainda que sejam explorados em virtude de suas decisões e condições. Deste modo, buscou-se considerar na análise as formas de agir e o sentido que os agricultores atribuem as suas ações, dentro de contextos, comumente considerados de



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

dominação. Daí emerge a justificativa do trabalho ter privilegiado as interpretações dos agricultores locais sobre o programa.

Com o trabalho constatou-se que para os agricultores da região estudada, a cafeicultura, de um lado, configura-se em elemento fundamental para proporcionar a resistência ao programa de fomento florestal. E, por outro lado, é responsável, em determinadas conjunturas, como em momento de crises na atividade, por influenciar a decisão de agricultores a integrar-se. Ademais, a partir da presente investigação foi possível constatar que tanto aqueles agricultores que optaram por se integrar ao setor de papel e celulose, quanto aqueles que se mantiveram distanciados desta atividade avaliam que o cultivo de eucalipto para a indústria de papel e celulose produz efeitos locais. Dentre os efeitos mais assinalados pelos atores entrevistados encontra-se a diminuição da produção de alimentos; o aumento do preço pago e escassez de mão de obra para o trabalho em outras atividades rurais; a diminuição da disponibilidade de água em nascentes, córregos e no solo e a irregularidade na distribuição das chuvas naquela localidade. Assim, verifica-se que a introdução de uma indústria, como a de papel e celulose é capaz de causar impactos não apenas na região em que sua planta está instalada, mas em locais distantes, dado seus programas de atuação.

6. Referências Bibliográficas

ARACRUZ CELULOSE S/A. **Revista do Programa de Fomento Florestal da Aracruz Celulose.** Ano I – Nº 1 – Agos. 2003.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS (FAO). Incentivos e mecanismos financeiros para o manejo florestal sustentável na região Sul do Brasil. Relatório: MENDES, Jefferson B. Curitiba, 6 fev.2004. Disponível em www.fao.org/forestry/12000-09ec4e1c04ebfcd232f76c89136cadcf.pdf. Acesso: dez. 2010.

GONÇALVES, Múcio Tosta. A formação da economia das plantações florestais nos Vales do Rio Doce e do Aço de Minas Gerais (1940-2000): notas sobre história econômica e ambiental de uma região. In: Seminário sobre a Economia Mineira, 2006, Diamantina. **Anais** do XII Seminário sobre a Economia Mineira.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

INSTITUTO Jones dos Santos Neves. CENSO AGROPECUÁRIO – 2006. **Resenha de Conjuntura**. Ano II – Número 71 – Outubro de 2009.

INSTITUTO Jones dos Santos Neves. **Macrozoneamento da Região Serrana**. Vitória: Instituto de Apoio à Pesquisa e ao Desenvolvimento - Jones dos Santos Neves – IPES, 2004.

MENEZES, Marilda; MALAGODI, Edgard Afonso . **Os camponeses como atores sociais: a perspectiva da autonomia e da resistência**. 24 p. Versão preliminar. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/pgdr/arquivos/ipode_35.doc>. Acesso em: mai. 2013.

PLANO de Manejo Unidade Aracruz Regiões do Espírito Santo e Bahia. Maio/2010. Disponível em: www.fibria.com.br/.../plano_de_manejo_fibria_es_ba_2010.pdf. Acesso: out. 2010.

RAMALHO José Ricardo; ESTERCI, Neide. A resistência em campo minado. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 11, n.32, p. 25-32, 1996.

SCOTT, James C. **Formas cotidianas da resistência camponesa**. In: Raízes, Vol. 21, no. 01, jan-jun/ 2002. (p.10-31). Disponível em <http://www.ufcg.edu.br/~raizes/volumes.php?Rg=7>

_____. **Los dominados y el arte de la resistencia**. México: Ediciones Era, 2000.

_____. Exploração normal, resistência normal. In: **Rev. Bras. Ciênc. Polít.**, n.5, 2011, pp. 217-243.